

## **PIBID NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A CORPOREIDADE DOS EDUCANDOS**

RASSWEILER, Luciana<sup>1</sup>; VIGORITO, Jaqueline; COELHO, Juliana; ALMEIDA, Alex;  
LADEIRA, Jaíne;  
CASTRO, Daniela Llopart<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL – *luluzinhaa\_lulu@hotmail.com*

<sup>2</sup>UFPEL – *danielallopastro@gmail.com*

O presente trabalho trata de um artigo construído em grupo por alunos da Universidade Federal de Pelotas, bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência) da área de Dança Licenciatura. O texto foi desenvolvido a partir do questionamento sobre qual é e como se manifesta a corporeidade do aluno que se encontra nas séries finais do ensino fundamental. Através das experiências e observações de cada pibidiano em suas respectivas escolas de trabalho, apresentamos nossas percepções do contexto pelotense.

Tanto a observação permanente, quanto as relações estabelecidas com os alunos desta faixa etária durante quase dois anos de realizações de projetos disciplinares e interdisciplinares dentro das escolas que participam do PIBID e, principalmente os relatos dos alunos nos levam a acreditar que, na maioria das vezes, a corporeidade do aluno na escola é diferente do que a que ele tem em casa, destaca-se a agitação apresentada em sala de aula e o desconforto que muitos educandos apresentam por estarem naquele ambiente que, curiosamente deveria ser sua segunda casa, dado o tempo de permanência que o este passa em sala de aula.

Segundo Figueiredo (2009, p.25), “ao chegar à escola, a criança é impedida de assumir sua corporeidade anterior. E mais: ela passa a ser violentada, através das longas horas que fica imobilizada na sala de aula”. Esta imobilidade não limita apenas seu comportamento, mas seu espaço corporal, vocal, visual e conseqüentemente cognitivo. Curioso pensar que a escola deveria ser o local onde o aluno desperte seus interesses para o novo, que construa saberes, mas que também seja o lugar onde este possa trocar conhecimentos, ou seja, local onde o conhecimento e as experiências advindas deste, sejam valorizadas e colocadas em questão.

Marques (2012, p. 59) defende que “é necessário que possibilitemos e motivemos as crianças a criar, inventar, descobrir, experimentar e experienciar outras formas de estar no mundo com seus corpos; é necessário que sintam no corpo o prazer dessa inserção e de diálogos transformadores- e não reprodutores –com o mundo.”

Ao investigarmos e acompanharmos a realidade escolar, muitos dos conflitos entre professores e alunos surgem deste impasse: enquanto o aluno está em pleno desenvolvimento da maior e mais complexa máquina de saberes que é o corpo humano, alguns professores tentam impor a ordem e a disciplina através do não movimento e da cultura do silêncio. Muitas vezes o professor acaba até esquecendo de que como todo indivíduo, este aluno também tem sua opinião, sua visão de mundo e repertório social anterior a apresentar e um mundo próprio dentro de sua realidade que muitas vezes não é inserido em sala de aula.

A partir destes aspectos percebidos, concluímos a importância dos professores em geral, e principalmente nós, futuros professores de dança, sermos sensíveis e receptíveis à corporeidade dos nossos alunos, incluirmos seus conhecimentos já construídos e sua realidade cotidiana em nossas aulas para

que eles possam aproveitar cada vez mais seu processo de ensino-aprendizagem e desenvolver suas potencialidades. Esta é, sem dúvida, a melhor e mais importante das partes de ser professor, a possibilidade de orientar o aluno, a seu modo, alcançar uma maior expressividade de si mesmo, firmando sua identidade móvel e crítica acerca do que o rodeia.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino **A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos.** 6.ed. Pelotas: Editora Universitária-UFPel, 2009.

MARQUES, Isabel. **Interações: crianças, Dança e escola.** 1 ed. São Paulo, Edgar Blucher, 2012